

**Palestra de abertura do “Encontro Água e Floresta – Buscando Soluções”
Jaú, 02 de julho de 2009**

**Ensinar para o meio ambiente,
para a complexidade e para a alegria de viver.**

Assim que recebi o convite para participar deste encontro, fui tomado de alegria ao saber de seu título: Encontro Água e Floresta. Fiquei feliz ao constatar que a proposta de um encontro entre educadores, ambientalistas, pesquisadores e jovens de todas as idades que atuam na região, para tratar das questões ambientais, políticas e educacionais e sobre a relação entre a preservação das águas e as matas ciliares, partia de um título que já carregava a marca do diálogo entre diferentes – água e floresta. A marca, portanto, do diálogo entre diferenças é a marco zero deste evento. O encontro entre pessoas de diferentes idades e formações, com diferentes focos de trabalho, mas sempre voltadas a problematizar e preservar a relação entre as águas e as matas, é o foco do próprio encontro – numa tradução: encontrar pessoas diferentes voltadas à mesma ação é refazer o modo de operar dos ecossistemas, integrando opostos e fazendo dialogar diferentes sem sobreposição ou ocultação.

.1.

A dificuldade em encontrar soluções para os problemas da preservação ou recuperação de matas ciliares e a qualidade das águas dos sistemas hídricos considerando suas dimensões política, social, cultural, interpessoal e os tempos de um e de todos, agregando os cenários de conflitos, acordos e movimentação de interesses, que num primeiro olhar é difícil de ser compreendido, que é muito rico em nuances, exigente e que também é belo, nos esclarece da dimensão complexa dessa problemática.

A par dessa complexidade, podemos “convocar” a educação ambiental na escola como um caminho a ser percorrido para a formação das comunidades presentes e futuras. E é particularmente importante dar foco aos temas da sala de aula, especialmente no movimento pedagógico de ação – reflexão – ação a partir das relações ambientais e das práticas ambientalistas (na dimensão acima indicada), uma vez que é a prática pedagógica (didática, conteúdos disciplinares, projetos interdisciplinares etc. - uma reforma do pensar e do fazer escolar) que ratificará ou não a compreensão desse grau de complexidade – não nos esqueçamos que é na sala de aula que professores e alunos, pela via do fazer técnico pedagógico, fragmentam ou não a leitura do mundo e que é lá que pode ser criada e afirmada uma outra leitura desse mesmo mundo ou pode ser mantida uma leitura de mundo fundada na exclusão, simplificação e segmentação.

A formação de professores para a complexidade é uma demanda fundamental. Mais do que nunca temos a necessidade de viabilizar uma formação acadêmica teórica profunda e sólida, propiciando aos novos educadores um diálogo intenso com as diferenças que compõe os universos das relações humanas e naturais e dando condições para que as instituições educacionais formadoras dos formadores sejam

locais de e problematização interdisciplinar mais do que reprodução e redução. Não podemos deixar de denunciar permanentemente que sem a ampliação do grau de leitura do mundo por parte principalmente dos educadores, sem a ampliação da compreensão da complexidade que compõe os sistemas humanos e naturais e a relação entre as disciplinas e os conhecimentos, as práticas educacionais se tornam superficiais, fragmentadas e a conseqüente ação sobre o meio resulta em fragilidades.

Para tanto, tenhamos claro que a formação do educador se dá na ação e esta é a prática da pergunta: como educar o jovem neste mundo, para este mundo, para conhecê-lo, entendê-lo e transformá-lo?

.2.

Com Hanna Arendt e sua máxima em torno do papel da escola, podemos abrir e complexificar essa pergunta. Ela nos afirma:

A função da escola é ensinar as crianças como o mundo é, e não instruí-las na arte de viver¹.

Então, vamos explorar um pouco esta idéia... Cabe à escola ensinar o funcionamento do mundo em sua dimensão histórica, social, cultural, considerando as relações que o compõe, apresentando, comentando e avaliando criticamente a organização da vida das populações humanas em seu cotidiano, as formas de sobrevivência, a produção das riquezas e suas distribuições e de que maneira há justiça ou injustiça social, política, religiosa, étnica e econômica e buscando a mais ampla compreensão do fenômeno e problemática ambiental.

Desta maneira, à pergunta “O que deve a escola fazer hoje e como?” devemos responder com a maior abertura a projetos interdisciplinares, que proponham outros fazeres pedagógicos e educacionais de maneira a fazer da escola um espaço investigativo sobre esse nosso Mundo e este nosso tempo. É, portanto, momento de abarcar novas e diferentes posturas escolares, considerando ser este nosso tempo um outro tempo de relacionamentos e de ouvir mais a comunidade, os pais, os alunos e de partilhar e de ver na escola a realização de gestos mais generosos, mais ousados e criativos, que não temem pesquisar nem perguntar nem errar e nem de tentar e tentar de novo.

Já, quando a autora fala sobre a “arte de viver”, nos sugere a compreensão sobre os mecanismos da política em sentido amplo e os mecanismos de sua prática tais como as decisões públicas, o universo das leis e regulamentações, as deliberações, enfim, os mecanismos que são próprios da vida auto-regulamentada, ou seja, o universo maduro de decisões, e de suas conseqüências, próprio do mundo adulto. Esta “arte de viver” não deve fazer parte da vida dos jovens educandos, das crianças. Estas devem ser “protegidas”, uma vez que se remete ao futuro as tarefas para as quais essas devem se preparar no presente. A “arte de viver” ou, por exemplo, a arte da militância política ambiental, deve ser adiada, privilegiando, no agora, a preparação consistente, profunda e crítica.

¹ Arendt, Hanna. *Entre o Passado e o Futuro*, Perspectiva, 2007, pag. 246

Então, quando temos um tema como este como deste maravilhoso encontro, que nos sugere perguntar e buscar soluções sobre o como fazer e como envolver as populações/comunidades e as escolas, os professores, as diretorias de ensino, as ONGs e os órgãos governamentais para as questões ambientais e para envolver os jovens alunos para que conheçam e saibam como está sendo este nosso Mundo atual – das relações/encontros entre as águas e as matas, como nos sugere o título deste encontro -, entendemos que não basta apenas determinar e dar ordens ou impor leituras e análises ideológicas e/ou partidárias. Sabemos que precisamos contar com o envolvimento das pessoas, envolvimento em nível objetivo e subjetivo, precisamos contar com o comprometimento racional e afetivo de todos e, para tanto, precisamos da vontade de modificar, de criar, de fazer o novo a partir de métodos, materiais e didáticas que exercitem o perguntar.

É tempo, portanto, de trabalhar conceitualmente com a beleza não padronizada nem uniforme e em movimento contínuo que caracteriza a natureza e mostrar e ensinar – teoria e prática juntas, indissociáveis - como faz bem conservar, recriar, manter, equilibrar os espaços naturais tornando-os lugares belos de convívio entre todos – mulheres e homens de todas as idades e cores e animais e plantas e toda a natureza.

Desta forma, lutar para informar e problematizar sobre como e porque conservar e replantar as “matas ciliares” é fundamental para a consciência e para a saúde de todos nós, para as águas que a fonte de nossa existência, para a beleza dos rios e da vida nele - peixes, microorganismos etc. para o ar e a agricultura, para, enfim, que a nossa Terra seja para cada um e para todos nós um lugar de vida saudável e sustentável.

.3.

Finalmente, há tempos atrás escrevi um livro intitulado Educação Ambiental: princípios, história e formação de professores (SENAC, 2004). Nele, numa certa página, numa passagem mais filosófica, digo que acima de tudo educação ambiental é afirmação de vida. E por que disse isso? Porque à época muitos de nós educadores ambientais, que então lutávamos pelo nosso espaço na mídia, nas universidades, no poder público, nas associações e ONGs de cada município deste País e em todo o Mundo, sabíamos que educar para o meio ambiente era mais do que falar de latinhas e plástico e poluição e efeito estufa e trânsito e saúde etc.

Sabíamos e sabemos que educar se trata de repensar nosso estilo de vida, a velocidade de nosso tempo, nossas doenças e nossas relações entre nós mesmos, com os outros e com a natureza. E sabíamos como seguimos sabendo que dependemos uns dos outros e deste meio que nos cerca, que nos envolve, que nos acolhe ou nos expulsa. Sabemos como sempre soubemos que se não repensarmos nosso modo de viver hoje, que está colocando em risco a vida de nós humanos e de muitas outras espécies em nosso lindo, enorme, de múltiplas e interconectadas relações, rico, mas, finito Planeta, que se não aprendermos e fizermos um grande esforço de mudança, sabemos que estamos rumando para muito sofrimento e dor.

Por tudo isso, educação, educação ambiental, pensar, agir e nos educar em prol de nosso meio ambiente a partir da escola estendo para o bairro, para os escritórios e

repartições, e daí para qualquer lugar, sempre, relacionando, propiciando o encontro e o diálogo entre iguais e diferentes, entre a margem e o rio, entre as matas e as águas, é uma questão de vida, de afirmação de vida, uma afirmação bela, complexa, rica, feliz, amorosa, cuidadosa e muito, muito forte afirmação, com a força que o pensamento positivo e a crença no futuro pode nos propiciar.

Muito obrigado!

Fabio Alberti Cascino
Doutor em Educação pela PUC-SP